

# *Música, Joyce e Dublinenses – Texto e Filme*

Magda Velloso Fernandes de Tolentino

**Abstract:** *“Songs, Joyce and Dubliners – Text and Film” This paper tries to show how music is so ingrained in Irish culture that it is present not only in the everyday life of the people but also in literary manifestations. In James Joyce’s Dubliners we can see in several of the short stories of the collection the use of songs and their words as complementary to the plot itself. Presenting some of the examples from the collection, this paper is a good way for beginners to get acquainted with this very important work. By dealing with the original text by Joyce and with the film version made by John Huston we put together two important semiotic representations which increase the value of both.*

**Keywords:** Dubliners; John Huston’s films; music.

Não é por acaso que a harpa é um dos ícones representativos da Irlanda – a música está impregnada na cultura nacional, de ontem e de hoje.

O turista que se encontre em qualquer região da Irlanda vai ser assaltado com convites para saraus musicais, pubs com música ao vivo, programas musicais com ou sem demonstração de danças, onde duplas ou trios se apresentam tocando e cantando canções tradicionais que todo mundo conhece.

O programa do Pub Crawl, que acontece todas as noites a partir do Gogarty St. John Pub no Temple Bar, no centro boêmio de Dublin, é um testemunho dessa tradição – reúne-se um grupo que sai a pé acompanhando uma dupla de músicos que param em diversos bares na rota boêmia, em que cantam enquanto o grupo bebe geralmente uma “pint” de Guinness em cada uma das paradas.

Essa simbiose do povo irlandês com a música vem de longe – durante os duros anos dos séculos XVIII e XIX em que o poder imperial se impunha por meio de repressão violenta e leis duríssimas, a música foi um instrumento não só de lamento e de contação de histórias, mas de divulgação das ideias nacionalistas que em última instância incitaram o povo irlandês a se revoltar contra o regime imperial e a eventualmente levar a Irlanda à sua independência política.

As manifestações literárias não ficaram imunes a essa grande influência, e James Joyce, que tinha boa voz e certa vez chegou a entrar em um concurso para tenores (sempre tivera boa voz e nessa ocasião chegou a tomar lições de música com famosos professores

de Dublin [Ellmann 151-2]), não desprezaria esse traço nacional na composição de sua coletânea de contos *Dublinenses*. De uma forma ligeira, pretende-se aqui examinar algumas instâncias do uso das canções irlandesas nessa obra, estendendo nosso estudo para a versão cinematográfica do filme baseado no último conto da coletânea, “Os Mortos”. Nesse estudo, vamos perceber que as músicas citadas nos textos de Joyce não são apenas uma quebra de seriedade ou um tributo à música do país, mas parte da significação de cada momento em que aparecem. As canções complementam uma ideia, completam o desenho de uma personagem, dão significado a aspectos de cada história.

O primeiro conto em que gostaria de enfatizar o papel da canção popular é “Argila”<sup>1</sup>, que faz parte do agrupamento de contos adultos – conta uma tarde na véspera de Halloween<sup>2</sup> quando Maria, uma solteirona que tira folga da lavanderia onde trabalha, vai visitar a família de Joe no subúrbio de Dublin. Não fica claro no texto qual o relacionamento deles, mas Maria havia cuidado de Joe e de seu irmão Alphy e sempre escutara do primeiro: “Mamãe é Mamãe, mas Maria é minha mãe de fato”, o que mostra um relacionamento próximo que remonta aos tempos de criança de Joe.

Maria planeja cada momento de sua noite com eles, sempre com a expectativa de um encontro agradável. O conto se demora na descrição do deslocamento de Maria desde a lavanderia até a casa de Joe, mostrando a cada momento como ela é sozinha, envelhecida, facilmente constrangida, como quando um senhor (que provavelmente já havia tomado alguns copos em algum bar), lhe dá o lugar no bonde e fica trocando comentários com ela – o que a faz corar de vergonha e provavelmente esquecer no banco um dos pacotes que havia comprado na padaria; a descrição inclui o tanto que o encontro daquela tarde significa para ela. Ao chegar, é saudada por todos com um “Maria chegou!”. Vem o lanche, conversas de família, a dona da casa toca piano para as crianças, e passam à brincadeira da “escolha cega”: cobrem os olhos de Maria e a levam à mesa para que ela escolhesse um objeto. Após sacudir a mão no ar por cima dos pires sobre a mesa, ela baixa os dedos e escolhe um deles – aperta uma substância mole e úmida, e se admira de ninguém falar nada nem tirar-lhe a venda dos olhos, e num momento escuta sussurros e barulho de pés se mexendo, após o que alguém fala algo sobre o jardim, e a esposa de Joe se zanga com uma das jovens que haviam chegado, exortando-a a tirar “aquilo” da mesa imediatamente. Maria compreendeu que havia escolhido algo errado e tentou de novo, desta vez pegando o livro de orações.

Mais música ao piano; Joe convence Maria a tomar um cálice de vinho e lhe pede para cantar alguma coisa; acompanhada ao piano pela esposa de Joe, ela canta “I dreamt that I dwelt in marble halls” (o nome original da ária é “O sonho da jovem Boêmia”) – essa é uma ária de uma ópera popular no século 19, chamada *A Jovem Boêmia*, de 1843, do compositor Michael William Balfe, com letras de Alfred Bunn. A história, tirada de um ballet de pantomima, *A Cigana*, por sua vez baseada na novela *A Cigana* de Miguel de Cervantes, se passa na Alemanha e fala de Arline, que está apaixonada por um jovem polonês exilado político, Tadeu. Ela é na verdade filha de um conde, mas havia sido raptada por ciganos quando pequena. A ária, cantada por ela, faz alusão à sua vida anterior, e aparece aí como um sonho; daí as palavras “sonhei que morava em salões de mármore”. Ao final ela é reconhecida pelo pai e casa-se com Tadeu.

Ao cantar a ária, Maria, ao chegar à segunda estrofe, provavelmente se esquece das palavras e repete a primeira estrofe, mas ninguém a corrige – provavelmente não querem deixá-la encabulada, numa atitude de compensação pelo embaraço de as garotas vizinhas terem anteriormente lhe pregado uma peça, colocando entre os objetos, na brincadeira da escolha cega, a argila que suas mãos haviam pegado. A argila provavelmente significou maldosamente a cristalização dos hábitos de Maria, envelhecida e solteirona, em seus costumes e suas convicções; assim como pode ter significado o próximo destino dela – a terra, o túmulo, num terminar de uma vida que não teve muitos acontecimentos, e para quem uma tarde junto aos seus era o ápice da felicidade.

Seu esquecimento da letra das outras estrofes da canção provavelmente está ligado ao que as palavras dizem: Arline sonhara que pretendentes se candidatavam à sua mão, de joelhos, mas que um daqueles nobres, em especial, a conseguira como prêmio...; e como a Maria que hoje canta é velha e solteira, suas mente se recusa a entoar essas palavras tão cheias de promessas de uma vida fácil e feliz.<sup>3</sup>

Como a maioria dos contos da coletânea *Dublinenses*, “Argila” é um conto melancólico que mostra o lado desiludido e sem colorido da classe média da cidade, dando ênfase à paralisia que domina a vida da protagonista.

Tanto a personagem Maria quanto a canção que ela canta nos remete a Eveline, a personagem do conto do mesmo nome que se encontra no grupo das personagens adolescentes – ou jovem adultos. Eveline é uma jovem que trabalha numa loja e traz para casa todo seu salário, além de cuidar da casa, do pai viúvo que a explora e dos irmãos – isso faz com que pensemos nela como a Maria que havia cuidado dos irmãos e ficou solteirona, sem uma vida própria. No conto que leva seu nome, Eveline tem a triste vida sacudida por um namorado, Frank, um marinheiro que a convence a ir embora com ele com promessas de casamento e uma casa feliz em Buenos Aires. A caracterização da jovem é ajudada no texto pela menção à canção “The Lass that Loves a Sailor” (A garota que ama um Marinheiro), que o namorado costumava cantar para ela. Um dos versos da canção fala do “vento que sopra/o navio que vai/e a jovem que ama o marinheiro!” (*The wind that blows,/The Ship that goes,/And the lass that loves a sailor!*). A alusão é não só ao seu namoro com o marinheiro, mas ao vento que sopra e leva o navio no qual Eveline espera ir embora com Frank.

Frank a leva para assistir a ópera *A Jovem Boêmia*, que contem a ária que Maria vai cantar no conto já citado. Outra semelhança é de que Frank faz com que Eveline sonhe com uma casa só sua, como Arline, a jovem da ópera, sonha com a casa de salas de mármore que já fora sua – mas enquanto Arline sonha com o passado, Eveline sonha não só com o passado em que “seu pai não era tão ruim naquela época” (Joyce 36-7), mas também com o futuro. Um futuro que não será o seu, pois à última hora ela fica paralisada junto ao navio em que Frank a espera e que a levaria para o róseo futuro sonhado. Essa é outra instância em que Joyce mostra a paralisia que domina os dublinenses.

Em “A Pensão” podemos encontrar outra referência musical que vai completar a formação de uma personagem ou explicar as circunstâncias da vivência dos dublinenses. A dona da pensão tem uma filha que seduz um dos pensionistas, que será levado ao casamento como consequência desse relacionamento. A filha, Polly, nos saraus que a mãe patrocinava aos domingos, costumava cantar a canção “I’m a naughty girl”, cujo verso citado no texto diz “Sou uma garota travessa/Não precisa disfarçar/Você sabe que sou”. Essas palavras mostram o caráter de Polly, que, conforme o texto deixa o leitor inferir, se deixou levar pelo romance com o pensionista para ao final chegar à solução desejada, Mrs. Mooney forçando o rapaz a assumir o casamento.

No conto “Dois galãs”, enquanto os dois jovens inconsequentes caminham ao longo das ruas de Dublin, um deles se vangloriando de suas conquistas amorosas com as criadas domésticas a que tem acesso, encontram um homem tocando a canção de Thomas Moore “Silent, Oh Moyle”.

Dois versos da canção podem simbolizar os sentimentos da jovem que um dos galãs seduziu, que lhe trazia cigarros e até, de uma vez, dois charutos, provavelmente apanhados na casa onde ela trabalhava como criada, e da qual no último encontro conseguira arrancar uma moeda de ouro: “Enquanto murmura tristemente, a filha solitária de Lir/conta para a estrela da noite suas histórias tristes”. Como estamos sempre enxergando analogias entre as personagens da coletânea, essa serviçal nos lembra Lily, do último conto “Os Mortos” quando, ao receber Gabriel Conroy na casa de suas patroas, dá a este uma resposta ríspida quando ele comenta que um dia desses vai assistir ao seu casamento. Ela retruca “Os homens de agora são só papo furado e o que podem tirar da gente” (Joyce 187); esse pode ser o lamento que a “filha de Lir conta para a estrela da noite. Gabriel, encabulado com a resposta de Lily, lhe dá uma moeda alegando que “é Natal” – e imaginamos que nesse momento Lily, ao receber uma moeda, pode muito bem ser a jovem que dá a um dos galãs em outro momento a moeda de ouro.

Vale aqui trazer à nossa discussão o filme que John Huston fez com base nesse conto, em 1997. Às vésperas de sua própria morte, este diretor, que era um apaixonado pela Irlanda, onde residira muitos anos de sua vida, talvez adivinhando seu fim fez o filme que exaltava a presença dos mortos na vida dos que permaneciam.

Analisando os dois textos, o conto e sua tradução intersemiótica no filme que em português levou o nome de *Os vivos e os mortos*, podemos constatar o diálogo entre as duas obras, sendo que neste aspecto é interessante observar que Huston, traduzindo belissimamente o conto de Joyce para o cinema, acrescentou, ainda outros aspectos da identidade irlandesa em seu texto cinematográfico.

O foco principal para a presente análise tanto do conto de Joyce quanto do filme de Huston está no uso que tanto um quanto o outro fazem da música tradicional irlandesa em suas obras, questão que vai também marcar aspectos de irlandesidade nessas manifestações.

A música está presente em vários momentos das obras, como por exemplo nas valsas que conduzem as danças e quadrilhas, no assunto principal do jantar, no qual as personagens fazem menção a óperas, principalmente *Mignon* e *Lucrezia Borgia*,

que prenunciam o ciúme que Gabriel vai sentir de seu “rival” Michael Furey no final do conto.

O conto narra uma festa de Epifania na casa das *Misses* Morkan – *Miss* Julia, *Miss* Kate e a sobrinha *Miss* Mary Jane. Trata-se de uma festa que as anfitriãs oferecem aos amigos e familiares todos os anos, tradicionalmente. O protagonista é Gabriel Conroy, sociedade irlandesa, em especial o oeste, tendo os olhos voltados para o leste, para a Europa continental. Gabriel é casado com Gretta, natural de Galway, no oeste da Irlanda. A ação do conto se desenvolve durante a festa e em uma cena posterior a essa, tendo como base assuntos presentes em todo o livro *Dublinenses*, como a paralisia na qual os habitantes da cidade se acham mergulhados, a vida política conturbada da Irlanda, a opressão religiosa e a dicotomia leste-oeste que marcava o sentimento de nacionalidade dos irlandeses, encontrando-se como ponto de interseção a música irlandesa.

O primeiro ponto que poderíamos levantar em relação ao uso da música neste texto joyceano estaria relacionado ao título do conto, que pode ter sido tirado de uma canção de Thomas Moore, um dos maiores gênios da música irlandesa, chamada “Oh Ye Dead!”. De acordo com o crítico Wallace Grey<sup>4</sup>, esta canção contém temas relevantes no conto, como a noção de que os vivos e os mortos invejam uns aos outros, bem como o próprio tema da mortalidade, além da repetição de palavras presentes e marcadas no texto – do conto e da canção.

Moore estudou direito, mas ficou famoso por seus poemas e canções. Seus trabalhos foram publicados em 1846 e 1852 sob o título de *Moore's Irish Melodies* e pelas datas podemos perceber o quanto ele foi famoso mesmo enquanto vivia. Entre inúmeras canções deste que é considerado o Bardo Nacional da Irlanda que se tornaram famosas e assim permanecem até hoje, como “Believe me if all Those Endearing Young Charms”, “Oft in the stilly Night”, “The Last Rose of Summer”, “The Minstrel Boy” e “The Meeting of the Waters”, encontramos esta pérola que é “Oh Ye Dead!”.

Há diversos indícios de que James Joyce se inspirou no poema de Moore para compor seu último conto da coletânea, não só pelo nome, que pode tê-lo levado a nomear a peça, mas também pelo conteúdo do poema, que fala dos mortos que estão presentes na vida dos vivos, que é o tema do conto; além do mais, o poema/canção fala dos mortos que são sombras, figura usada por Joyce, e fala sobre a neve, que é talvez a personagem principal do conto.

Já na página 183 do conto, quando as jovens convidadas da festa se sentem constrangidas com o linguajar vulgar de Mr. Browne e querem mudar o rumo da conversa, uma delas pergunta à outra qual é a peça que ela havia acabado de tocar. No filme, a jovem responde que “é uma das melodias de Moore”, e obtém o comentário de que “sem dúvida ele é o gênio da música irlandesa”. Essa cena se passa após a apresentação da sala onde os casais dançam, e Gretta, a esposa de Gabriel, é apresentada ao famoso tenor Bartell D’Arcy e com ele dança ao som de “Mountains of Mourne”, famosa balada do cancionero irlandês, cuja letra foi composta pelo grande compositor Percy French para uma canção tradicional irlandesa chamada “Carrigdon”. Ela se tornou tão conhecida que

ganhou dezenas de gravações de cantores famosos, irlandeses e internacionais. Seu uso no filme dá o toque local à história a ser contada.

Uma cena marcante é aquela na qual Miss Julia canta, seguindo uma série de apresentações comuns naquele tipo de sarau. Ela canta “Arrayed for the Bridal” (Vestida para as Bodas), com música composta por Bellini (citado no filme) e letra de George Linley, parte da ópera *Os Puritanos*, do século 19. O filme mostra toda a canção sendo cantada por Miss Julia, que repete a primeira estrofe, da mesma forma que Maria repetira a primeira estrofe da canção que canta em “Argila” – apontando para uma repetição de temática nos contos de Joyce.

O marcante nesta cena está na ironia da narrativa no fato de uma velha senhora solteirona cantar uma canção em que uma jovem conta estar vestida para o casamento, sendo que o único e mais provável casamento de Miss Julia seria com a morte. Ela estaria vestida para as bodas que nunca teve.

Outra cena marcante que deve seu impacto a uma canção é o momento em que Gretta (esposa do protagonista Gabriel) para na escada ao ouvir o tenor Bartell D’Arcy cantar “The lass of Aughrim” (no filme interpretado pelo tenor Frank Patterson). A cena é extremamente tocante. Gretta permanece em pé ouvindo a música, perdida em seus pensamentos e em suas lembranças, enquanto Gabriel fica imóvel, olhando-a. Em sua contemplação, Gabriel vê sua esposa “como se ela fosse o símbolo de alguma coisa” e se indaga: “de que uma mulher, em pé à sombra no patamar da escada, escutando uma música distante, seria símbolo?” (Joyce 210) E imagina que, se fosse pintor, a pintaria naquela contemplação, dando o nome de *Música distante* à tela. A música está sempre presente, ora complementando uma personagem, ora fazendo parte do enredo, ora inspirando o pensamento do protagonista.

A canção que Gretta ouve conta a história de uma jovem que, seduzida e abandonada, vai à procura do seu amante com o filho pequeno nos braços e, à porta de sua casa, canta para ele seu infortúnio, lamentando que ninguém abre as portas para ela e seu bebê, que treme de frio em seus braços.

Há diversas referências nesta canção: em primeiro lugar, Aughrim é um local no oeste da Irlanda, de onde Gretta vem e, como diversas outras referências durante a festa, a faz lembrar de sua mocidade. E mais tarde ela vai contar para o marido, Gabriel, que o rapaz com quem ela andara na juventude, Michael Furey, costumava cantar essa canção para ela. Não é uma simples lembrança – de acordo com sua narrativa, Michael era um jovem doente, com tuberculose, que morrera, aos dezessete anos, após ficar na chuva à porta de sua casa, chamando por ela na noite anterior à sua partida para o colégio; quando Gabriel pergunta à esposa de que o rapaz morrera, ela responde “Acho que ele morreu por mim” (Joyce 220). Ela havia implorado para que ele voltasse para casa para não permanecer debaixo da chuva que caía naquele noite de inverno, mas ele respondera que não queria viver. A lembrança que Gretta tem dele a partir da canção é pungente, como se todo o sentimento que guardara durante todos aqueles anos explodisse naquele momento. Dois versos da canção se aplicariam a Michael do lado de fora da casa da amada, num reflexo da jovem que buscava compaixão de seu amado: *oh a chuva*

*cai sobre meus cachos louros/e o orvalho encharca minha pele* (Oh the rain falls on my yellow locks/And the dew soaks my skin).

Estamos sempre percebendo como as canções complementam o texto joyceano.

A música cantada por D'Arcy conecta os vivos e os mortos através da inversão de papéis: ao longo da história o leitor visualiza as personagens trocando lugares – Gabriel, até então “vivo”, vê-se frente ao fantasma de Michael Furey, morto há tanto tempo, mas vivo na memória e, talvez, nos sentimentos de Gretta.

É após esse episódio que se dá início à epifania de Gabriel que, tocado pelo efeito da música em Gretta e em si mesmo e pelo diálogo travado com a esposa como explicação à emoção dela perante a canção, repensa sua vida, seu casamento e a maneira como ele olhava para sua nação, a Irlanda, chegando finalmente à conclusão de que talvez era chegada a hora de iniciar sua viagem de volta para a Irlanda, ou seja, voltar seu olhar, seu respeito e admiração para o oeste, tão representativo de sua nação, esquecida por ele.

Há outras referências a outras canções em outros contos da coletânea. Optamos por comentar sobre esses pela opção de detalhar um pouco mais as alusões encontradas. No filme as canções se sucedem, apresentando as mais tradicionais canções irlandesas, trazendo o que podemos chamar de cor local na apresentação da história na forma cinematográfica. As canções, seja no texto joyceano ou no filme de Huston, só aumentam a beleza e a riqueza da narrativa.

## Works Cited

Ellmann, Richard. James Joyce. Oxford, New York, Toronto, Melbourne: Oxford University Press, 1983. 151-2.

Joyce, James. *Dubliners. Text, Criticism and Notes*. Ed. Robert Scholes and A. Walton Dublinese. Selections from MOORE'S MELODIES. Design, lay-out and notes by John Loesberg. Cork, Ireland: Ossian Publications Ltda., 1993.

## Canções citadas no texto

I Dreamt That I Dwelt in Marble Halls

Da ópera composta por Michael Balfe;

Letra de Alfred Bunn

### The Gipsy Girl's Dream

I dreamt that I dwelt in marble halls,  
With vassals and serfs at my side,  
And of all who assembled within those walls,  
That I was the hope and the pride.  
I had riches too great to count, could boast  
Of a high ancestral name;

But I also dreamt, which pleased me most,  
That you lov'd me still the same...  
*That you lov'd me, you lov'd me still the same,*  
*That you lov'd me, you lov'd me still the same.*  
I dreamt that suitors sought my hand;  
That knights upon bended knee,  
And with vows no maiden heart could withstand,  
They pledg'd their faith to me;  
And I dreamt that one of that noble host  
Came forth my hand to claim.  
But I also dreamt, which charmed me most,  
That you lov'd me still the same...  
*That you lov'd me, you lov'd me still the same,*  
*That you lov'd me, you lov'd me still the same.*

Encontrada em <[http://www.james-joyce-music.com/song03\\_lyrics.html](http://www.james-joyce-music.com/song03_lyrics.html)>,  
acessado em 18/09/2014.

### **Silent, O Moyle**

Letra de Thomas Moore, para a ária “My Dear Eveleen”

Silent, oh Moyle, be the roar of thy water,  
Break not, ye breezes, your chain of repose,  
While, murmuring mournfully, Lir's lonely daughter  
Tells to the night-star her tale of woes.  
When shall the swan, her death-note singing,  
Sleep, with wings in darkness furl'd?  
When will heav'n, its sweet bell ringing,  
Call my spirit from this stormy world?  
Sadly, oh Moyle, to thy winter-wave weeping,  
Fate bids me languish long ages away;  
Yet still in her darkness doth Erin lie sleeping,  
Still doth the pure light its dawning delay.  
When will that day-star, mildly springing,  
Warm our isle with peace and love?  
When will heav'n, its sweet bell ringing,  
Call my spirit to the fields above?

(Selection from Moore's Melodies 32)

Oh, ye Dead  
Oh, ye Dead! oh, ye Dead! whom we know by the light you give



From your cold gleaming eyes, though you move like men who live,  
Why leave you thus your graves,  
In far off fields and waves,  
Where the worm and the sea-bird only know your bed,  
To haunt this spot where all  
Those eyes that wept your fall,  
And the hearts that wail'd you, like your own, lie dead?  
It is true, it is true, we are shadows cold and wan;  
And the fair and the brave whom we loved on earth are gone;  
But still thus even in death,  
So sweet the living breath  
Of the fields and the flowers in our youth we wander'd o'er,  
That ere, condemn'd, we go  
To freeze 'mid Hecla's snow,  
We would taste it a while, and think we live once more!

Encontrada em <<http://www.poemhunter.com/poem/oh-ye-dead>>, acessado em 18/09/2014.

### **Arrayed for the Bridal**

Arrayed for the bridal, in beauty behold her  
A white wreath entwineth a forehead more fair;  
I envy the zephyrs that softly enfold her,  
And play with the locks of her beautiful hair.  
May life to her prove full of sunshine and love.  
Who would not love her?  
Sweet star of the morning, shining so bright  
Earth's circle adorning, fair creature of light!  
Composta por Bellini; Letra de George Linley

Encontrada em <[http://www.themodernword.com/Joyce/joyce\\_paper\\_warren.html](http://www.themodernword.com/Joyce/joyce_paper_warren.html)>, acessado em 17/09/2014.

### **The Lass Of Aughrim**

If you'll be the lass of Aughrim  
As I'll take you to be  
Tell me that first token  
That passed between you and me

Oh don't you remember  
That night on yon lean hill

When we both met together  
I am sorry now to tell

Oh the rain falls on my yellow locks  
And the dew soaks my skin;  
My babe lies cold in my arms;  
Lord Gregory, let me in  
Oh the rain falls on my heavy locks  
And the dew soaks my skin;  
My babe lies cold in my arms;  
But none will let me in

Encontrado em <<http://www.lyricsmania.com>>, acessado em 18/09/2014.

## Notes

- 1 As traduções dos nomes dos contos foi retirada da edição JOYCE, James. Trad. José Roberto O'Shea. São Paulo: Siciliano, 1993. As traduções de texto foram feitas por mim.
- 2 Comemoração que alguns países fazem no dia 31 de outubro, véspera do dia de Todos os Santos.
- 3 Informações, letra da canção e interpretação por Jessye Norman em <<http://ratiocinativa.wordpress.com/2013/06/27/i-dreamt-i-dwelt-in-marble-halls>>.
- 4 Encontrado no site <<http://www.mendele.com/WWD/WWDdead.notes.html>>, acessado em novembro de 2001.